



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

MARIA JOSÉ MADEIRA NASCIMENTO

**O HISTÓRICO EDUCACIONAL DE UMA ESCOLA DO CAMPO, NO MUNICÍPIO
DE SENADOR JOSÉ PORFÍRIO, PARÁ: REALIDADE, RETROCESSOS E AVANÇOS.**

Senador José Porfírio, PA.

2019

MARIA JOSÉ MADEIRA NASCIMENTO

**O HISTÓRICO EDUCACIONAL DE UMA ESCOLA DO CAMPO, NO
MUNICÍPIO DE SENADOR JOSÉ PORFÍRIO, PARÁ: REALIDADE,
RETROCESSOS E AVANÇOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal do Pará,
como requisito para a conclusão do curso de
Educação do Campo, com ênfase em
Ciências da Natureza.

Orientador: Prof. Dr. André Santana

Senador José Porfírio, PA.

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N244h Nascimento, Maria José Madeira
O histórico educacional de uma escola do campo, no município de Senador José Porfírio, Pará: : Realidade, retrocessos e avanços / Maria José Madeira Nascimento. — 2019.
viii, 30 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. André Ribeiro Santana
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade Federal do Pará, Altamira, 2019.

1. Educação do Campo. 2. Escola do Campo. 3. Comunidade. I. Título.

CDD 500.1

MARIA JOSÉ MADEIRA NASCIMENTO

O HISTÓRICO EDUCACIONAL DE UMA ESCOLA DO CAMPO, NO MUNICÍPIO DE SENADOR JOSÉ PORFÍRIO, PARÁ: REALIDADE, RETROCESSOS E AVANÇOS.

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado no curso de Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Licenciatura em Educação do Campo- Ciências da Natureza.

Aprovado em: 11 de julho de 2019

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____

Prof. Dr. André Ribeiro de Santana
Faculdade de Etnodiversidade – UFPA – Altamira

Prof. Dra. Carla Giovana Souza Rocha
Faculdade de Etnodiversidade– UFPA – Altamira

Prof. Me. Marcos Marques Formigosa
Faculdade de Etnodiversidade– UFPA – Altamira

Senador José Porfírio /PA, _____ de julho de 2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu filho Arthur Gabriel, à minha mãe Maria de Lourdes e ao meu esposo Ubiracilde Ferreira, com muito amor, carinho, compreensão e apoio nessa trajetória ao longo desse curso.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado forças para a realização deste trabalho, suporte e que esteve em todos os momentos comigo, segurando em minhas mãos e me guiando, meu porto seguro.

A minha mãe Maria de Lourdes Madeira, que sempre esteve ao meu lado, que não me deixou desistir a cada vez que fraquejava, e que cuidou do meu filho para que eu pudesse fazer o curso.

Ao meu esposo Ubiracilde Ferreira, pela compreensão, parceria, apoio moral e financeiro, e que por muitas vezes me ajudou digitalizar meus trabalhos de TC (Tempo Comunidade).

Aos meus irmãos e irmãs, em especial a Francisca Madeira e Jacivan Madeira. E aos meus cunhados Adinamar R. de Freitas e Almir Edson Ferreira, pela força, incentivo e caronas dadas por muitas vezes ao meu local de estudo.

Ao professor Dr André Santana, meu orientador, pela paciência e empenho no desenvolver desse trabalho de conclusão.

A colega de estágios Angélica Souza, pela parceria nessa experiência de estar frente à docência e a todos os colegas de turma.

Aos alunos e professores das escolas Casa Familiar Rural de Senador José Porfírio-PA (C.F.R|S.J.P) e E.M.E.F. Francisco Merêncio da silva, pelas oportunidades em realizar os estágios supervisionados.

Aos docentes do curso Educação do Campo com ênfase em Ciências da Natureza, pelo aprendizado e troca de experiências. Em destaques aos professores(a) Dra. Carla G. Rocha e Me Marcos M. Formigosa.

E em especial ao meu filho Arthur Gabriel, que ainda sem entender o significado dessa batalha tem me dado subsídios em continuá-la.

RESUMO

O presente trabalho relata reflexões das experiências vivenciada pela a aluna do curso de Educação do Campo, com ênfase em Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Pará (UFPA), em uma escola do campo, localizada na zona rural do município de Senador José Porfírio, PA. Tem como objetivo geral refletir acerca da trajetória da escola da comunidade, desde sua formação até os dias atuais. Discorrendo sobre as lutas, retrocessos e avanços da comunidade relacionados à educação do campo, analisando sobre os relatos das entrevistas dos docentes, alunos e pais relacionados aos conteúdos de Ciências da Natureza; e compreender as especificidades do campesinato local e suas relações com o ensino de ciências. Trata-se de pesquisas de campo iniciada no ano de 2015 e finalizada em 2017. Utilizando-se de pesquisa qualitativa, como o uso de formulário semiestruturado cedidas pela coordenação do curso de Educação do Campo, direcionado à moradores, professores e alunos da comunidade. A pesquisa foi desenvolvida nos Tempos Comunidades I, II, III e IV. Os temas abordados em cada TC foram referentes aos aspectos sociais, culturais, didáticos e pedagógicos. E ainda, como o despertar para as histórias de lutas socioeducativas e econômicas da comunidade de pertencimento. Fica evidente que a comunidade pesquisada tem passado por transformações e grandes foram os avanços que teve relacionado a educação. Dessa forma os resultados sobre os dados das famílias, desde as práticas produtivas, meio natural, ao lazer, cultura e saúde, ao educacional como a prática docente relacionada ao ensino de Ciências, aos almejos dos pais, alunos e professores, positivamente contribuem na formação enquanto docente, pois, adquiriu-se conhecimentos práticos das especificidades da comunidade escolar, precisamente na área de Ciências Naturais.

Palavras-chave: Educação do Campo. Escola do campo e Comunidade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	MATERIAL E MÉTODOS	10
3	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	12
3.1	Dados das Famílias entrevistadas.	12
3.2	Práticas produtivas e relação com o meio natural.	14
3.3	Dados de lazer, cultura e saúde das famílias.....	15
3.4	Educação e Memória da comunidade Bambu	16
3.5	Realidade e Avanços educacionais.....	17
3.6	Retrocessos educacionais da comunidade	18
3.7	A prática docente e situações de aprendizagem na área de Ciências Naturais.....	19
3.8	Entrevista com os pais.....	21
3.9	Apresentação do seminário ‘Metas e Avanços da Educação do Campo’	22
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um artigo tendo como tema o histórico educacional de uma escola do campo, no município de Senador José Porfírio, Pará, abordando a realidade, os retrocessos e avanços da mesma. As descrições deste trabalho serão feitas a partir das entrevistas de campo e observações realizadas em uma comunidade, situada na zona rural do município, bem como diagnósticos referentes aos Tempos Comunidades (TC) I, II, III e IV. Visto que o curso de Educação do Campo com ênfase em Ciências da Natureza tem sua metodologia de alternância, ou seja, é dividido em dois períodos Tempo Comunidade (TC), que compreende o tempo que os estudantes estão em suas comunidades, desenvolvendo atividades de pesquisas e práticas pedagógicas. E Tempo Universidade (TU), o período em que os educandos permanecem na escola, num período de 30 a 45 dias.

Os Tempos Comunidades tiveram como atividades: Diagnósticos Socioeducativo e Relato de Experiência Socioeducativa (TC I); Diagnóstico Educacional na escola (TC II); A Prática Docente e Situações do Ensino de Aprendizagem na Área de Ciências da Natureza (TC III); e ainda, Apresentação do Seminário: 'Metas e Avanços da Educação do Campo' (TCIV).

As experiências dos Tempos Comunidades estimularam reflexões sobre o despertar de um olhar crítico sobre a comunidade escolar e ação docente, referentes aos aspectos sociais, culturais, didáticos e pedagógicos. E ainda, o despertar para as histórias de lutas socioeducativas e econômicas da comunidade pesquisada.

Durante os Tempos Comunidades utilizou-se, principalmente, Caldart (2004), Leite (1999), Freire (1999, 2003, 2009), Fernandes (1999) e Arroyo (1989), pois as ideias desses autores são muitos afins ao que desenvolvi. E ainda, para o Trabalho de Conclusão de curso, visto que todos falam das lutas dos sujeitos do campo por um modelo de educação que atenda às suas especificidades.

Argumentando que a educação do campo requer o reconhecimento, pois, é um espaço rico em cultura e diversidade de saberes. Onde o docente pode tomar a partida de conteúdo a serem aplicados em sala de aula, a partir desses saberes e dessas vivências. Proporcionando o conhecimento, a cidadania e conseqüentemente, a continuidade cultural dos sujeitos do campo.

Visto que o Tempo Comunidade (TC) são atividades complementares como parte do curso de Educação do Campo, que visa a inserção do educando em compreender seu espaço/comunidade, suas vivências, por meio de observações, pesquisas, debates e reflexões acerca dos aspectos ambientais, culturais, sociais, educacionais e educativos, os quais contribuirão para a formação humana, ético, e profissional, como afirma Gimonet (2007).

Todavia, as escolas do campo eram taxadas apenas como um lugar de difícil acesso. Porém, a metodologia usada nessas escolas, segundo o que apontam as pesquisas, é de uma educação

urbanocêntrico, totalmente distante da realidade dos sujeitos do campo, na qual os valores e conhecimentos populares dos educandos eram ignorados.

Assim, a ideia de Paulo Freire (1999), também deixa claro que o valor popular tem que ser alternado com o saber científico. Pois, relacionar os conteúdos à realidade do educando, o faz compreender melhor o estudo teórico e o mundo em que vive. Ajudando também no desenvolvimento das habilidades, atitudes e competências dos alunos, valorizando suas especificidades, seu mundo, pois conforme Freire: ‘Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre os desafios dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio (FREIRE, 1999, p. 30).

É visto que o curso de Educação do Campo com ênfase de Ciências da Natureza, tem esse histórico de lutas e organizações para que a classe menos favorecida tenham oportunidades iguais de educação e renda. A proposta curricular do curso é introduzir nas escolas, além da formação de professores(as) e diferenciar o ensino, de maneira que o fazer e o pensar pedagógico ultrapassem o ensino convencional, como afirma Caldart (2011).

Essas lutas se deram por meio de organizações da sociedade civil, exigindo do governo uma educação que atendessem as particularidades do meio rural. Pensando em uma educação que se revertesse a desigualdade do campesinato. Mediante essas organizações, no final dos anos 90 criou-se espaços onde começara a se pensar em educação do campo no Brasil, especificamente para agricultores, ribeirinhos, pescadores, quilombolas, caiçaras, extrativistas, assentados, etc.

É observado que a educação do campo na comunidade pesquisada já teve um avanço, como mostra no desenvolvimento do texto, porém, ainda falta muito mais para se contemplar qualidades. Essas lutas se deram a partir da organização dos moradores em busca de educação de qualidade para seus filhos. Pois, na década de 1980, surgiu uma primeira professora na comunidade com apenas o Ensino Fundamental incompleto, o 3º ano, antiga 4ª série. E ainda, não havia prédio escolar para atender os educandos, visto que a mesma ministrava as aulas em sua própria residência. Com isso, os moradores buscam junto à prefeitura apoio para a construção de uma escola e contratação de um profissional de formação mais elevada (Ensino Fundamental Completo). Onde a mesma pôde fazer uma formação continuada (Ensino Médio), na época chamado de Magistério, um projeto do Governo Federal chamado GAVIÃO.¹

Por meio dessas lutas, foram se percebendo as conquistas. A implantação do ensino fundamental completo, a construção de uma escola polo, com padrão de médio porte no ano 2000, a implantação de transportes escolar (terrestres e fluvial), a abertura de estradas, contratação de profissionais graduados e pós-graduados, projetos e programas na escola, eletrificação rural, dentre outros benefícios.

Para ser um educador do campo é preciso conhecer desde o histórico da comunidade a realidade da mesma. Pois ajuda na elaboração e construção de um ensino diferenciado, atendendo as

especificidades dos estudantes da comunidade. Poder relacionar às vivências do alunos no aprendizado escolar torna possível uma melhor compreensão dos conteúdos trabalhados em sala de aula, respeitando as diversidades e distinções de cada estudante, onde haverá benefícios.

Logo, conhecer a realidade dos educandos, implica na exigência do professor em relação ao aprendizado, em aplicar atividades flexíveis, atendendo às particularidades, favorecendo um ensino de aprendizagem significativo.

Pois como afirma Caldart (2003), cada escola possui sua identidade, definida por histórias, saberes, gestos, sonhos, limites e possibilidades, avanços e recuos. E que avançar nas políticas públicas proporciona a continuidade dos estudos no campo, articulando as histórias de vida desses sujeitos e a educação popular com o conhecimento científico, valorizando os diferentes tempos dos sujeitos individuais e coletivos. E ainda, valorizando a escola e a agricultura familiar, respeitando as diferenças à realidade de vida das pessoas e enfrentando as ações de desigualdades. A partir dessa permissa, se levantou a seguinte questão: Qual a realidade, os retrocessos e os avanços da comunidade pesquisada?

Diante do questionamento, foi proposto como o objetivo geral deste trabalho: Refletir acerca da trajetória da escola da comunidade, desde sua formação até os dias atuais. E específicos: Refletir sobre as lutas, retrocessos e avanços da comunidade relacionados à educação do campo; analisar sobre os relatos das entrevistas dos docentes, alunos e pais relacionados aos conteúdos de Ciências da Natureza; e compreender as especificidades do campesinato local e suas relações com o ensino de ciências.

¹ Projeto GAVIÃO: Capacitação e habilitação de professores leigos na zona rural do estado do Pará.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este texto parte dos levantamentos das pesquisas de campo realizadas durante os Tempos Comunidades em uma comunidade do campo, localizada no município de Senador José Porfírio, Pará. As pesquisas realizadas na comunidade, foram feitas por meio de questionários qualitativos. Onde trabalhou-se com um guia de perguntas semiestruturadas orientadas e cedidas pela coordenação do curso de Educação do Campo, da Universidade Federal do Pará (UFPA) e produções próprias. Durante os TCs, realizamos entrevistas para fazer um diagnóstico sobre a realidade das comunidades do campo da Transamazônica e Xingu, além das práticas de agricultura/extrativismo, da organização institucional das escolas básicas do campo e do seu trabalho pedagógico na área das Ciências da Natureza. Essas entrevistas aconteceram com moradores e frequentadores (funcionários contratados) da comunidade.

No primeiro Tempo Comunidade (TC I), foram realizadas entrevistas semiestruturada, cedida pela coordenação do curso, onde consiste em um diagnóstico sócio educacional, econômico e cultural da comunidade de pertencimento. Bem como relatos da agricultura familiar, da infraestrutura das moradias, renda das famílias, escolaridade, idade, tipos e formas de cultivos, alimentação, a lida com a terra e as mudanças ocorridas na comunidade, incluindo as lutas relacionadas à educação. Essas entrevistas foram direcionadas a cinco famílias da comunidade e ao Agente Comunitário de Saúde (ACS) da mesma.

O segundo Tempo Comunidade (TC II) trata-se de um Diagnóstico da caracterização de Organização do Trabalho Pedagógico, Currículo Escolar e Formação dos docentes. As entrevistas foram direcionadas à professores e gestão escolar, abordando: funcionamento da Instituição, recursos financeiros, formação dos professores e pessoal de apoio (outros funcionários), participação da comunidade e organizações sindicais, e planejamento escolar.

O terceiro Tempo Comunidade (TC III) tratou da descrição do trabalho pedagógico da área de Ciências da Natureza (C.N.): organização, metodologia, relação professor aluno, conteúdos de ensino, material didático e o ensino de aprendizagem dos alunos na disciplina de Ciências da Natureza. Logo, essas entrevistas se deram com pais, alunos e professores. Além das entrevistas, foram feitas observações do local, para tanto usou-se o caderno ‘Diário de Campo’. Ao todo, foram usados quatro (4) dias para realização da atividade.

O quarto Tempo Comunidade (TC IV) trata-se de um seminário intitulado como ‘Metas e Avanços da Educação do Campo’, para realizar a socialização dos dados coletados nas pesquisas dos TCs I, II e III, promovendo uma reflexão e junto com a comunidade elencar indicadores de qualidade para a educação básica do campo. O evento objetiva mostrar a importância de estudar as Legislações que garantem e assegurem o direito na educação. Propondo ações de melhorias de qualidade na educação do campo, tendo como eixo três dimensões: Institucional, Curricular e didático-

Pedagógico.

A realização desse trabalho foi feita a partir das análises dos Tempos Comunidades I, II, III e IV realizados na comunidade. Ocorridas desde o ano de 2015, quando se iniciou o curso de Educação do Campo com ênfase em Ciências da Natureza. Serão feitas descrições, reflexões e comentários acerca dessas experiências. As famílias entrevistadas serão descritas por família 1, 2, 3, 4 e 5, para a preservação das mesmas. Esse processo ocorrerá numa sequência, discorrendo do histórico da comunidade, desde dados sociais, econômicos e educacionais das famílias, seguido da realidade, avanços e dos retrocessos educacional da mesma, sendo que todas as informações são resultados das pesquisas e entrevistas realizadas na comunidade por meio dos TCs.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Dados das famílias entrevistadas

No primeiro momento, foi feita a escolha de cinco (05) famílias da comunidade, com idades e tempo de moradia diferentes, para realizar as entrevistas. Segundo o Agente Comunitário de Saúde (ACS) da comunidade, habitam 29 famílias no local. Porém, já houve um número maior de moradores, mas com a necessidade de busca por melhorias, como saúde, trabalho remunerado e educação, esse número veio a diminuir.

A maior parte dos componentes das famílias que varia de 3 a 5 não moram todos no local. Dois entrevistados vivem suas aposentadorias, outros dependem de programas como o Bolsa Família os demais, dependem dos seus produtos extraídos da roça, ou algum outro tipo de trabalho, como diárias, serragem de madeira, vendas de secos e molhados, roupas, etc.

Quase todos os entrevistados são apenas alfabetizados (exceto um), mas, com um vasto conhecimento empírico. Segundo eles, o motivo da falta de escolaridade foi a ausência de oportunidade na época. Atualmente todos têm mais de 30 anos morando na localidade. Oriundos dos municípios de Gurupá e Altamira muitos desses moradores tem vínculos com pessoas vindas de outros estados, como esposo(a), pai, mãe, avós, etc. Suas idades são entre 50 e 73 anos.

Chama atenção, por meio desses dados, que a população da comunidade diminuiu, por falta de assistência de políticas públicas que viessem a fortalecer as famílias camponesas a permanecer em suas propriedades, visto que a demanda educacional oferecida nas escolas do campo ainda é inferior à dos centros urbanos, indicando uma desigualdade educacional.

Família	Idade	Sexo	Tempo de Moradia na comunidade	Nível de escolaridade
Família 1	57 anos	M	33 anos	Analfabeto
Família 2	50 anos	M	30 anos	Alfabetizado
Família 3	73 anos	M	27 anos	Alfabetizado
Família 4	57 anos	F	30 anos	Alfabetizada
Família 5	58 anos	F	23 anos	Alfabetizada

Fonte: Dados da pesquisa de Campo, (2015).

Se formos comparar os dados educacionais dos entrevistados, lamentavelmente é fácil observar que antes da Constituição de 1988, que é a Legislação brasileira que contempla as especificidades do camponês, a chamada Educação do Campo, essa classe tinha menos

oportunidade de acesso à educação. Por isso o analfabetismo era evidente dentre moradores do campo das décadas de 40 a 70, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) DE 1940, 1960 e 2000.

A infraestrutura das moradias das famílias entrevistadas são bem simples, feitas de madeira, cobertas de telhas de Brasilit, e outras com a própria madeira, chamada de ‘cavaco’, piso de cimento e algumas no barro. Nem todas dispunham de energia elétrica, por isso, a maioria não possuía eletrodomésticos e eletrônicos. As informações, segundo as famílias entrevistadas, eram transmitidas por pelos moradores. Por meio de conversas com vizinhos, amigos ou familiares ou através de reuniões de associações, igreja ou festividades.

Outro fator importante, é que todos os entrevistados participam de uma organização, sendo a maioria filiados no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Senador José Porfírio (STTR/SJP) e um dos entrevistados na Associação de Estivadores de Belém, PA. A finalidade é fortalecer-se diante do sistema, e facilitar suas vidas como agricultores(as) e pescadores.

3.2 Práticas produtivas e relação com o meio natural

A maioria dos entrevistados mantém seus lotes com a vegetação que haviam encontrado, na época de suas chegadas na comunidade, uma porcentagem de 50% a 70%, exceto uma das famílias em que relatou ter apenas 15 % da cobertura de mata em sua propriedade comparada a 100% do ano de sua chegada. Todos fazem uso da capoeira² para o plantio de suas lavouras, disseram ter a terra reaproveitada com isso. A abertura existente são de pequenas pastagens, plantio de lavouras branca³ e definitiva, e ainda, de capoeira. Os dados foram fornecidos pelos próprios moradores/entrevistados.

Com solo misto, ou seja, áreas arenosas e argilosas, a região é banhada por nascentes, igarapés e pelo rio Xingu. As margens dos leitos das águas são cobertas pela vegetação nativa, sendo que muitos moradores ainda fazem plantio de cultivo definitivo como o açaí, para evitar problemas de assoreamento, por exemplo. É observado que a atividade ‘Troca de Dias’⁴ usada por muitos moradores da comunidade na época da colheita de seus produtos extraídos da roça, sendo costume comum entre os camponeses, transmitida pais para filhos.

Chama atenção, o conhecimento empírico dos moradores em relação à preservação das margens de rios e igarapés de suas propriedades. Sendo que muitos nunca participou de um evento que falasse do assunto. A falta de projetos voltados para o tema ambiental seria de bastante importância para aquela população.

Foi observado na comunidade, a preocupação dos moradores em relação à água. Visto que a mesma é bastante rica em relação a esse elemento. Porém, nesses últimos anos os moradores vem percebendo uma grande perda dessa preciosidade, que é tão fundamental para o ser humano. As

causas, segundo os moradores, são os assoreamentos nos rios e igarapés de suas propriedades, e a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte (UHBM) localizada na outra margem (esquerda) do rio Xingu, em frente a comunidade pesquisada. Um dos entrevistados (família 3), disse em forma de desabafo:

“Se hoje estamos assim com todo esse desmatamento, essa diminuição de água por conta dos assoreamentos. Imagina como vai ficar a situação se continuar dessa forma, na época dos meus netos e os seus filhos tiverem a minha idade. Nossas riquezas naturais estão se acabando, a ganância do homem em ter mais e mais afeta todo mundo, mesmo aqueles que não almejam isso”.

Portanto, percebe-se que as mudanças na natureza desde as chegadas desses moradores vem ocorrendo constantemente, e que há uma preocupação deles muito grande em relação as futuras gerações.

Todavia, essa é uma das problemáticas que atinge grande parte da população daquela localidade, até mesmo pelo fato de estarem bem próximos de uma vasta destruição ambiental que é a construção da UHBM. Em conversa com moradores sobre a mesma, percebeu-se que antes da construção, durante e depois, os moradores nunca receberam nenhum tipo de informações e indenizações relacionadas aos prejuízos e danos causados pela construção.

A região é banhada pelo rio Xingu que foi afetado de forma devastadora, implicando no pescado⁵, pois muitos moradores que habitam na comunidade são pescadores, e conseqüentemente, também implica na saúde, visto que muitos ainda fazem uso dessa água para o consumo (beber, tomar banho, cozinhar, etc.). A caça também foi afetada, pois com o barulho causados pelos estouros das dinamites, muitos animais, assustados, migraram para outras regiões. Deixando os moradores preocupados, pois a maioria se alimentam das caças desses animais silvestres. Percebe-se, portanto, a falha do poder público em relação à assistências para a população camponesa daquela comunidade.

3.3 Dados de lazer, cultura e saúde das famílias

O lazer das famílias resume-se: em almoço familiar nos finais de semana, ou encontro com os amigos para um jogo de futebol e bilhar, e festas, seja de casamento, de aniversário ou religiosas.

² Capoeira: Vegetação secundária, composta por arbustos esparsos.

³ Lavoura branca: Lavoura que não é perene, precisa ser plantada todos os anos. Exemplo: milho, arroz, mandioca, etc.

⁴ Troca Dias: Atividade na qual o agricultor presta serviços na propriedade do outro sem valor em dinheiro, ou seja, sem remuneração e vice-versa, troca mútua.

Já houve, uma festa tradicional na localidade, o famoso Festejo de São Sebastião, realizado dia vinte de janeiro, anualmente. Esse festejo atraía pessoas de outros municípios, como Vitória do Xingu, Altamira, Porto de Moz, Anapú, comunidades dos arredores e sededo município, e ainda, da capital Belém. Porém, essa festividade deu-se por encerrada em 2007, pois era uma promessa feita pelo responsável do Festejo, e este veio óbito no ano seguinte (2008). Ainda existe outras festividades religiosas na comunidade, embora seja de uma proporção menor. A chamada festa de Santa Luzia, na qual a programação é feita de procissão, terço e é oferecido um jantar aos devotos.

Falar de remédio caseiro com esse povo é muito animador, percebe-se que todos fazem uso do mesmos e ainda gostam de ensinar a receita para quem precisa. Um dos componentes da família 3 relatou que só vai ao médico quando de fato não consegue mais fazer o tratamento em casa com seus remédios tradicionais (caseiros). Foram imensas quantidades de receitas para diversos tipos de doenças que foram citados pelas famílias, percebe-se, portanto, que essa cultura, segundo os relatos dos entrevistados, se transfere de pai para filho.

É válido ressaltar, que há um posto de saúde na comunidade, porém, o comando médico (com atendimento de clínico geral, dentista e enfermeiros) é feito de mês em mês, assim como a distribuição de remédios. Porém, não chega a atender a demanda de pacientes. Apenas um técnico em enfermagem faz o atendimento durante os outros dias, que segundo os moradores, mais falta do que aparece no postinho, assim muitas famílias recorrem na maioria das vezes, a outros municípios (Altamira e Vitória do Xingu), para ter atendimento médico, já que o acesso é mais viável, do que para a sede do município. Já o ACS (Agente Comunitário de Saúde), eles dizem ser presente no local, faz visitas mensalmente e sempre que precisam está pronto para atender.

3.4 Educação e Memória da Comunidade Bambu

Em conversa com ex-professores(as) e moradores(as), constatou-se que em meados dos anos de 1940, a comunidade era apenas uma colônia explorada pelos seringueiros. Grande parte da população que nela habitavam eram indígenas e ribeirinhos. E com o passar dos anos essa população foi se misturando, formando um só povo. O vai e vem de pessoas foi se estendendo, até chegar numa população que de fato passou a morar no lugar, havendo assim uma necessidade de um nome no local. Através de um grande arvoredado chamada Bambu, a comunidade passou assim se chamar, nome denominado pelos próprios moradores da época.

A primeira escola da comunidade foi fundada na década de 1980, por uma moradora chamada Emiliana Costa. Inicialmente atendia apenas as pessoas mais próximas da família da

⁵ -Pescado: O Produto de uma pesca. Qualquer tipo de peixe.

professora, que por vez, tinha o ensino fundamental incompleto. Em 1993 foi construída pelos moradores com o apoio da prefeitura municipal uma nova escola que passou a ser chamar de Bambu. A professora contratada tinha apenas o ensino fundamental completo.

Em 2000 foi construída uma escola polo na comunidade por meio de um projeto do Governo Federal, em parceria com a prefeitura municipal de Senador José Porfírio. Através de um projeto, o referido nome da escola se deu em homenagem a um ex-prefeito do município. Hoje a escola atende alunos de outras comunidades próximas e funciona nos horários matutino e vespertino (manhã e tarde); atendendo alunos do jardim ao 9º (nono) ano do ensino fundamental. Tem em sua dimensão a área de 350m², conseguida através da doação de antigos moradores.

Mas, ainda precisa melhorar bastante, principalmente devido o fato de ainda não haver o funcionamento do ensino médio na escola, causa uma certa insatisfação nas famílias e professores da escola quando muitos pais tem que separar-se de seus filhos para poder vê-los cursar o médio em outro lugar. A maioria desloca-se para os municípios de Altamira, Vitória do Xingu e Souzel. Outros vão morar com parentes, ou na casa de algum conhecido. E ainda, tem aqueles que desistem e param com o nono ano apenas.

Tem famílias que se sacrificam em vender a propriedade e ir para a cidade, saindo de ‘seu mundo’ para viver realidades diferentes, longe de sua cultura, seus modos, seus trabalhos. A mudança para a cidade na maioria das vezes traz um choque de cultura muito grande nos jovens e adolescentes, onde muitos tende a outros caminhos. Perdendo totalmente o vínculo com o Campo, seu lugar de origem.

As famílias entrevistadas são moradores de longas datas, todos com mais de 20 anos, e que não tem de forma nenhuma vontade de sair da comunidade, talvez pela tranquilidade que o lugar oferece. De uma forma significativa, os relatos desses moradores em permanecer na comunidade até os fins de suas vidas refleti sobre a importância de políticas públicas, com projetos de intervenção voltadas para que a permanência desses sujeitos do campo possa ser feita, tendo igualdade e oportunidade de educação de qualidade, saúde, inclusão social e crescimento econômico justo.

E se de fato esses moradores se unirem em busca da tão sonhada educação de qualidade para seus filho, não será preciso saírem de seus ‘mundos’. Basta apenas ir à luta com garra e persistência, pois a educação tem que ser do e no campo. Pois o campo define-se como:

“(…) lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terra. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas (...). (Fernandes et al., 2004, p. 137)”.

3.5 Realidade e Avanços Educacionais da Escola pesquisada

Pelos relatos dos moradores da comunidade, percebe-se o avanço que a comunidade escolar teve, pois o nível de educação elevou-se, e teve uma melhora satisfatória para eles. Por exemplo, dentre os avanços se tem o grau de ensino, que já atende até o nível fundamental maior; transportes escolar, tanto terrestre (micro-ônibus) quanto aquático (lanchas) para a locomoção dos estudantes. Com a ampliação feita em 2014, a escola conta hoje com: cinco salas de aula, uma cozinha, um depósito, seis banheiros (adaptados para Pessoas com Necessidades Especiais [PNE's]), uma secretaria, uma sala de professores e uma sala de informática.

Percebe-se a tamanha mudança que vem se passando neste lugar. São muitas as melhorias, como por exemplo: a escola com padrão de médio porte, os transportes escolar, a inclusão de projetos/programas, etc. Inclusive, um dos que mais chamou atenção, foi o lançamento do livro da escola, com o projeto 'Tra-la-lá', onde mostra a capacidade do povo em produzir, elaborar, criar e escrever grandes histórias, contos e poesias. São oportunidades que antes não se tinha. Mantendo o reforço que se diz a LDB n 13.278, de 2016: 6, e a Lei n 13.415, de 2017: 7 que no currículo escolar pode-se incluir projetos e pesquisas com temas transversais, como artes visuais, música, dança e teatro.

A escola tem 14 funcionários atuantes, distribuídos entre professores, barqueiros, vigilantes e serventes. Os docentes são todos concursados pelo município, e graduados, fazem formação pedagógica semestral, na sede do município e em Vila Nova, uma comunidade que também pertence ao município de Senador José Porfírio, PA. Observa-se que todos os docentes tem vínculo com o campo, todos são filhos de agricultores e pescadores.

Um fator intrigante, foi que a escola não dispõe de quadra esportiva para os alunos e nem biblioteca. Os recursos materiais que há na escola são suficientes e estão disponíveis tanto para os alunos, quanto professores e secretaria. O número de alunos matriculados em Junho de 2016, eram de 108.

Infelizmente o acesso e informações sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola não foi possível, pois a coordenação da escola na época da pesquisa não disponibilizou, acredita-se por não querer se comprometer com a questão.

Porém, a êxodo escolar vem acontecendo muito na comunidade, um dos fatores, é a falta do ensino médio na escola, fazendo muitos jovens migrarem para a cidade em busca de estudos, e assim, na maioria das vezes, as famílias saem completamente. Outros jovens, no entanto, infelizmente, desistem de seus sonhos de continuar sua escolarização.

Portanto, acredita-se que com a implantação do ensino médio o número de alunos venha a aumentar, pois muitos que saíram da comunidade podem voltar e os que pararam por falta de opção, continuem.

3.6 Retrocessos educacionais da comunidade

Chama atenção, que a participação dos pais na escola é dada apenas, através de reuniões, datas comemorativas e apresentações dos alunos em algum evento, por meio de convites da direção escolar. Não há uma preocupação em acompanhar evolução dos filhos no aprendizado, segundo dados da direção escolar na época da pesquisa (2016). É percebido que a comunidade retrocedeu nesse aspecto, pois a união que se tinha inicialmente por buscas de melhorias e preocupação com a educação dos filhos, se vê pouco.

Outros fatores que retrocederam foram a ausência de ensino diferenciado na área de Ciências Naturais; e a contratação de profissionais não específico na área que atua. Que serão relatados no decorrer do texto. E ainda, a redução no número de alunos matriculados sendo 108 no ano da pesquisa (2016), retrata uma grande redução, já que houve no ano de 2001 um número de 300 alunos matriculados, segundo a direção escolar.

3.7 A Prática Docente e Situações do Ensino de Aprendizagem na Área de Ciências da Natureza.

Observa-se que o docente que trabalha na área de Ciências Naturais, não tem a formação específica, já que é formado em Pedagogia e Educação Física. Porém, já tem uma vasta experiência na educação, pois começou a lecionar no ano de 1999, quando terminou o Magistério (Ensino Médio). A organização de suas aulas é feita por meio de uma sequência didática semanal. O planejamento é feito anualmente junto com a Secretaria de Educação

É percebido, portanto, a dificuldade que se tem em relação aos conteúdos de ciências. Seja na formação do professor ou mesmo pelas dificuldades que existem no curso. Pois ainda que tenham a formação, muitos profissionais continuam se prendendo aos livros didáticos e outros sem a formação, como é o caso do profissional da escola pesquisada, além do livro, se prende apenas ao espaço da sala de aula e no planejamento dado pela Secretaria de Educação.

Caldart (2003) ressalta que, ao se limitar somente em sala de aula, o professor faz uso apenas da sua voz, ou seja, da linguagem oral a imagem. E que é preciso ir além. Pois nesse contexto, dificulta-se a referir-se a uma realidade. Deixando o aluno distante, muitas vezes sem interesse no aprendizado, fazendo com que as aulas fiquem apenas na oralidade do professor, tornando-se muitas vezes, enfadonhas. Logo, os recursos didáticos como: aula de campo, projetor multimídia (slides), TVs, entre outros, enriquecem o diálogo. Dando aos alunos melhor compreensão e despertando interesses dos mesmos em participar das atividades escolares.

Buscando superar essas dificuldades, a profissional recorre à ajuda, de pesquisas em livros e de colegas de trabalho. Nota-se, portanto, a necessidade de formação continuada voltados para esses profissionais. Ou até mesmo, um docente formado especificamente na área de Ciências Naturais, o que seria o correto.

Ainda que se tenha as exigências dos documentos oficiais, o município na maioria das escolas do campo não tem um profissional específico atuando nas escolas do campo, como rege a Lei de Diretrizes e Bases LDB- Ciências da Natureza (20150):

“O ensino de Ciências da Natureza tem compromisso com uma formação que prepare o sujeito para interagir e atuar em ambientes diversos, considerando uma dimensão planetária, uma formação que possa promover a compreensão sobre o conhecimento científico pertinente em diferentes tempos, espaços e sentidos; a alfabetização e o letramento científicos; a compreensão de como a ciência se constituiu historicamente e a quem ela se destina; a compreensão de questões culturais, sociais, éticas e ambientais, associadas ao uso dos recursos naturais e à utilização do conhecimento científico e das tecnologias”.

Na entrevista o docente cita recursos que facilitaria seu trabalho, como o acesso a aplicativos de conhecimento, que ajudaria bastante na prática docente. Assim, além do professor se aprofundar e se atualizar, os alunos também renderiam e enriqueciam mais seu aprendizado. O suporte que se tem são os cursos de Formação continuada, onde se adquire aprendizado, e que aprimoraram os conhecimentos, além de atualizar o profissional.

O Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, em seu Art. 2º cita como princípios da educação do campo: III - desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo.

Logo, percebe-se, que mesmo diante das exigências dos documentos oficiais que rege a legislação, o sistema da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), não segue corretamente esse item, visto que as formações continuadas tem um sistema onde é mais introduzido nas práticas educacionais a cultura urbana, com pouca ou nenhuma significação para a população do campo. Onde na maioria das vezes o professor segue à risca em buscar fazer essa relação dos conteúdos com a realidade dos educandos.

Diante do que foi apresentado, percebe-se que a Educação do Campo ainda estar em segundo plano, na maioria das vezes. E que, infelizmente, o sistema educacional como um todo, ainda rege um sistema mais político partidário do que pedagógico, desvalorizando os profissionais das áreas específicas, que há no município e implicando de maneira preocupante, no futuro dos discentes, na maioria das vezes.

É válido ressaltar que na escola pesquisada, há dois alunos diagnosticados especiais, e há outros que não tem laudos médicos. Mas, nenhum profissional tem especialidade para trabalhar com essas crianças.

Constatou-se, em conversa com os estudantes, que o professor usa, basicamente, apenas o livro como recurso didático, além do quadro branco e pincel. Dificultando a compreensão dos

conteúdos trabalhados. Quando questionados sobre qual maneira, que o professor dá aula em que faz você entender melhor o assunto? Um dos alunos disse a seguinte frase: ‘Quando o professor faz a leitura do livro junto conosco e após faz um apanhado geral, uma explicação mais aprofundada do assunto, e também quando ele faz a dinâmica do mapa de conceito’! Dessa forma, percebeu-se por meio das respostas que os alunos tiveram ideias semelhantes em relação a pergunta citada na entrevista.

Diante dos relatos, percebe-se que, as atividades lúdicas, como jogos, dinâmicas, aulas experimentais, aulas de campo, uso de projetor multimídia, etc., aplicadas em sala de aula, despertam no aluno uma curiosidade e expectativa maior de aprendizado. Pois, além de se divertir saindo do tradicionalismo, como o uso apenas de livros didáticos, quadro branco e leitura, torna o aprendizado dos alunos muito maior. Sendo uma estratégia essencial no aprendizado dos educandos, como demonstram Bevilacqua; e Silva (2007).

3.8 Entrevistas com os pais

Em termos gerais, os pais e alunos avaliam a escola como boa; um lugar de preparação de seus filhos para o futuro e o próprio presente. Porém, outros disseram que tem quem melhorar a climatização, pois o calor no período do verão, atrapalha o aprendizado dos educandos. De fato, pelas experiências observadas, o desconforto nas salas de aula por conta do calor, causa uma inquietação nos alunos, que a todo momento saem da sala de aula para tomar água, ou rasgam folhas de caderno para servir de abanador, Fernandes (2001) afirma que o espaço físico do ambiente escolar, como um todo, influencia no aprendizado dos educandos e educadores.

Ressalta-se que, quando questionados sobre o trabalho do docente de Ciências Naturais, muitos relataram que o professor trabalha com conteúdos sobre a terra (o solo), a água e o meio ambiente. Citaram exemplos como: a poluição da água, derrubadas, etc. Já outros não souberam responder. Disseram que melhoraria muito em seu trabalho na roça se os professores trabalhassem mais ensinando seus filhos, pelo menos na teoria, a usar adubos orgânicos. Para o cultivo de hortaliças, pois além de estimulá-los mais, ajuda muito na parte da saúde.

Nota-se por meio desses relatos que mesmo sem conhecer normas educacionais, esses pais almejam que seus filhos tenham um aprendizado voltado para sua realidade. Onde possam aprender em sala de aula, teorias do ensino científico que se aplique nas práticas de melhoria na produção agrícola. Logo, no relato dos pais foi percebido o respeito para com os professores da escola e o orgulho de ter aquele prédio de médio porte naquela comunidade, pois ali está a conquista de muitos anos de luta daquele povo, que sonha com melhorias para seus filhos.

3.9 Apresentação do Seminário: ‘Metas e Avanços da Educação do Campo’

Foi percebido por meio do evento que grande parte, se não a maioria dos presentes, incluindo professores, não tinham conhecimento de seus direitos perante a Lei. O Seminário apresentado e as sugestões feitas pelos participantes, tem como finalidade, a visualização e compreensão dos pontos fortes e fracos da realidade das escolas do campo.

As informações do IV TC tem uma significativa importância na formação do educador do campo, pois saber do que a comunidade escolar almeja, quanto à melhorias, mudanças ou contentamento de como está sendo o funcionamento da Instituição desde o currículo escolar ao didático pedagógico, refleti na contribuição enquanto docente. Desde as dificuldades dos alunos em determinados conteúdos no ensino de ciências aos meios metodológicos que os faça compreendê-los com mais facilidade e significância.

A atividade foi realizada 08:30 horas da manhã do dia 09 de Maio de 2017, na escola Francisco Merêncio da Silva, ministrado pela acadêmica Maria José Madeira. Com um público de 45 pessoas, entre elas: professores, pais, pessoal de apoio (serventes, barqueiros, motoristas e vigilantes), e alunos.

Figura 1: público



Fonte: Jacivan Madeira, (2017).

Figura 2: público



Aos participantes foi oferecido um café da manhã como acolhida. Em seguida apresentou-se a Metodologia do encontro e a exposição do quadro - síntese com o que sugerem os documentos legais e curriculares que orientam a organização do trabalho pedagógico na escola, através do projetor multimídia (slide). Os resultados apresentados se deu de uma forma dinâmica e participativa, pois além de escreverem ações de melhorias para a comunidade escolar, muitos participantes fizeram citações orais por meio de um debate após a apresentação dos dados, como mostra as figuras 3, 4 e 5.

Figura 3: Socialização

Dimensões	Indicadores	Avaliação	Sugestões/Ações
Nível Didático-Pedagógico	I - O Material didático;	●	IV. Vaulas práticas + Dinâmicas no laboratório + Sumários.
	II. Metodologia de ensino;		
	III. Relação professor-aluno;	●	
	IV. Aprendizagem dos alunos na área de C.N.	●●	

Fonte: Maria José Madeira, (2017).

Figura 4: Socialização

Dimensões	Indicadores	Avaliação	Sugestões/Ações
Institucional	I Recursos financeiros da escola;	●	
	II Infraestrutura;	●	Melhoria na estrutura e transporte escolar (Terrestre).
	III Formação continuada;	●●	
	IV Biblioteca.	●	Recursos de uma Biblioteca

Fonte: Maria José Madeira, (2017).

Figura 5: Socialização

Dimensões	Indicadores	Avaliação	Sugestões/Ações
Curricular	I - Planejamento escolar;	●●	Precisa melhorar as ações pedagógicas por meio de Jogos educativos.
	II - Programas Educativos/curriculares da escola;	●	A interação dos alunos em atividades devem ser redimensionadas.
	III - Tempo/Calendarário escolar.	●●	Precisa ser elaborado com o corpo docente e comunidade de.

Fontes: Maria José Madeira, (2017).

As principais questões levantadas pela plateia foram a falta de manutenção nos transportes escolares (aquáticos e terrestres), e na parte didático –pedagógico, no que diz respeito a aprendizagem dos alunos na área de Ciências da Natureza, pois muitos não tinham conhecimento da disciplina. Após a explanação dos dados socializados, os participantes foram divididos em 03 (três) grupos para realizarem a atividade do quadro-resumo de avaliação e indicadores de qualidade na Educação do Campo. Cada grupo se encarregou de uma dimensão.

O primeiro GT, da Dimensão Institucional, avaliou os indicadores: **Recursos financeiros** da escola. Segundo eles estão muito bem administrados, feito as comparações estar de acordo com o que rege a legislação, já que esses recursos são de origem federal, como o PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola), o PDDE Mais Educação/Sustentável e PDDE do Campo. Muitos só tiveram esses conhecimentos, a partir da socialização, feita pela acadêmica.

Assim, foram apresentados os documentos oficiais, como a Resolução FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) nº18, de 3 de Novembro de 2014, que:

“Dispõe sobre a destinação de recursos financeiros, nos moldes operacionais e regulamentares do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), escolas públicas da educação básica, para promover ações voltadas à melhoria da qualidade de ensino e apoiar as na adoção de critérios de sustentabilidade socioambiental, considerando o currículo, a gestão e o espaço físico, de forma a torna-se educadores sustentáveis”.

Foi constatado que a escola trabalha em consonância com a Secretaria de Educação Municipal (SEMED) e com o Conselho Escolar. Essas práticas mostram avanços na comunidade escolar.

A **Infraestrutura** da escola, se encontra razoável, no quesito prédio, pois precisa-se de climatização das salas de aulas. A Lei nº 7.352, de 4 de novembro de 2010 no artigo 4º, falada garantia de condições de infraestrutura e transporte escolar, de materiais e livros didáticos, equipamentos, laboratórios, bibliotecas, área de lazer e desporto adequados ao Projeto Político Pedagógico em conformidade com a realidade local e a diversidade das populações do campo. Vale ressaltar que as práticas docentes do campo são dependentes do transporte e do calendário escolar. Geralmente, em todas as escolas do campo o transporte escolar é essencial para o funcionamento da comunidade. Na escola pesquisada, usa-se transportes aquáticos (duas lanchas) e terrestres (dois micro-ônibus). Os trajetos são realizados nos períodos matutino e vespertino (manhã e tarde). No tempo chuvoso (inverno), é comum esses micro-ônibus não trafegarem, devido as péssimas condições de pontes e estradas.

Diante do que foi apresentado, parte dos alunos ficam ausentes nas aulas, comprometendo o aprendizado dos mesmos; e interferindo no planejamento metodológico dos docentes, pois o calendário escolar não se adequa à essas particularidades das escolas do campo, pelo menos não na escola pesquisada. Passando a responsabilidade ao professor em criar métodos que reponham essas aulas, com faltas justificadas.

Em termos gerais, as sugestões /Ações de melhorias feitas pelos presentes do evento na Dimensões Institucional, foram: a implantação de uma biblioteca, manutenção nos transportes escolar, e ainda, melhorias nas estradas. Onde a trafegabilidade se encontra em péssimas condições.

Para a **Formação Continuada**, precisa-se realizar mais encontros, pois traz muitos benefícios aos alunos. Para tanto, a LDB: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. No Art.

12. Diz que:

“O exercício da docência na educação básica, cumprindo o estabelecido nos artigos 12, 13, 61 e 62 da LDB e nas resoluções 3/1997 e 2/1999, da câmara da educação básica, assim como ao pareceres 9/2002, 27/2002 e 28/2002 e as resoluções 1/2002 e 2/2002 do pleno do Conselho Nacional de Educação, [...]. E ainda, no Parágrafo único. Os sistemas de ensino de acordo com o artigo 67 da LDB desenvolverão política de formação inicial e continuada, habilitando todos os professores leigos e promovendo o aperfeiçoamento permanente dos docentes”.

O segundo GT, da Dimensão Curricular, avaliou o **Planejamento Escolar** de uma forma boa, mas que precisa melhorar. Os **Programas Educativos/Curriculares** da escola, está de forma consolidada. Segundo eles, a interação dos alunos nas atividades trazem bons rendimentos.

Observa-se que o **Tempo/Calendário escolar**, precisa melhorar, pois o questionamento dos presentes sobre esse item, depois de ter conhecido seus direitos, relataram que o calendário escolar precisa ser reformulado para adequar-se com a realidade local. E que para isso precisa-se da presença e opiniões de pais, alunos e professores da escola. E não somente da Secretaria de Educação, de acordo com o que rege a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Art. 23º**.

“A educação básica poderá organizar -se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar”.

E ainda, o decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, são princípios da educação do campo: § 2º. O calendário escolar deverá adequar -se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta Lei.

Os **Materiais Didáticos** são atualizados e suficientes para atender a demanda dos alunos, professores e secretária. Porém, a falta de recursos tecnológicos (computador), deixa o aprendizado do aluno mais atrasado, como diz no decreto 7.352, de 4 de novembro de 2010, no artigo 4º. A educação do campo concretizar-se-á mediante a garantia de condições de infraestrutura e transporte escolar, bem como de materiais e livros didáticos, equipamentos, laboratórios [...]

A **Relação Professor-Aluno**, foi avaliada boa, pois há um respeito mútuo entre ambos. As Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Art. 13º e o Decreto/lei 270/98 de 1º de setembro, Art. 4º. reforçam os deveres e direitos tanto dos professores quanto dos alunos. Assim, os docentes terão que empenhar-se na aprendizagem dos educandos de maneira a estabelecer estratégias de aprendizado para alunos com menor rendimento. E os educandos são assegurados em serem ouvidos pela comunidade escolar. E ainda, respeitar as instruções e as orientações relacionadas ao processo de aprendizagem.

A **Aprendizagem dos Alunos na área de Ciências da Natureza(C.N.)**, foi atribuídas as cores verde e amarela, pois há práticas que precisam de atenção. Como o uso apenas do livro como recurso didático e as aulas centradas somente em sala de aula.

E ainda, o **Didático-Pedagógico**, onde foram feitas propostas de aulas mais práticas, dinâmicas voltadas para os conteúdos ministrados pelo professor e seminários, pois, dá ao aluno mais oportunidade de expressão, interação com o professor e com a turma, trazendo mais benefício ao

aprendizado. Com temas voltados para a realidade local.

Acredita-se que uma das formas de se trabalhar de maneira que o educando consiga aprimorar o saber científico, são as escolhas dos conteúdos e a forma de transmissão desse conhecimento. Uma vez que o professor ousa sair do comodismo, do uso do livro didático apenas como recurso, e busca outros meios, como aulas lúdicas; ele consegue chamar a atenção do aluno, despertando uma expectativa de aprendizado.

Não que o livro seja descartado, ele é sim um recurso. Todavia, deve ser um dos suportes para o docente, e não o único. Como cita Vasconcelos e Souto (2003, p. 93: ‘O livro tem que ser usado de maneira que sua função de transmitir informações e conhecimentos que sistematizado colabore com o ensino de aprendizagem.’

Haja vista que para os problemas citados, a comunidade responsabiliza a gestão municipal, juntamente com a SEMED, pois dizem que o governo deixa muito a desejar. A implantação de políticas públicas voltadas para a população do campo traria benefícios maiores a essa população.

A realização do seminário ‘Metas e Avanços da Educação do Campo’ na comunidade foi uma experiência gratificante para a acadêmica. A participação e colaboração dos pais, professores(as) e pessoal de apoio da escola foi de fundamental importância para a realização dessa atividade. Sendo esse uns dos pontos positivos. Um fator inesperado e desafiador foi estar à frente de um evento como ministrante. Surgiram medos, mas foram superados quando teve o apoio dos presentes, principalmente do corpo docente, e pessoal de apoio da escola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer o histórico educacional e educativo da comunidade de pertencimento, possibilitou fazer uma análise reflexiva acerca das lutas como um marco importante sobre as práticas educativas e sociais da mesma. As entrevistas realizadas permitiu nesse contexto poder descrever as peculiaridades, as especificidades, resgatando e registrando, os retrocessos, os avanços e a realidade da comunidade escolar.

Visto que este trabalho contribuirá significativamente para formação enquanto docente, pois, tratar de conhecer a realidade dos educandos, precisamente, dará um suporte para se aplicar um ensino diferenciado em sala de aula; que é relacionar à vivência dos educandos com os conteúdos trabalhados na escola.

O contexto relatado fez refletir sobre as práticas escolares da Educação do Campo, precisamente na comunidade de pertencimento como um lugar de grandes encontros de lutas, desafios e conquistas. O qual ainda estar longe de um modelo padrão bem sucedido.

Chama atenção, a frequência do êxodo escolar, causada pela ausência de escolarização do Ensino Médio e Superior na comunidade. Sendo um dos fatores que mais afeta a população, já que as famílias na maioria das vezes, deixa suas terras para morar na cidade em busca de estudos para os filhos, causando a perda da identidade cultural, e conseqüentemente, um inchaço populacional na cidade. Quase sempre essas famílias sofrerão, pois, muitos não conseguem se adequar aos modos de vida da cidade, e ainda, aos empregos. Pois a maioria das habilidades é a lida com a produção agrícola e pescada. Infelizmente o sistema educacional ainda está longe do que rege as legislações.

Outro ponto, foram os relatos sobre a didática pedagógica adotada pelo professor da área de Ciências da Natureza. Onde além de não ser formado especificamente na área, sua metodologia ainda é muito tradicional. Talvez pela imposição do sistema, como foi relatado na entrevistas dos TCs.

Diante disso, foi possível reconhecer a realidade da escola desde o histórico de lutas, cultura, organizações e identidade, permitindo, enquanto docente, trabalhar a inclusão dos saberes locais na produção do conhecimento. Dando oportunidades para o educador e educando fazer a troca de experiências, de conhecimento, ajudando e facilitado até mesmo a relação entre ambos, pois, ser educador do campo é buscar compreender o campesinato local. Logo, os trabalhos desenvolvidos durante as Pesquisas de Campo no TCs permitiram notar e compreender a situação real da comunidade em cada etapa. Significando positivamente para formação, enquanto docente. Reafirmando o estudo teórico tido em sala de aula, durante os Tempos Universidades. Relacionado a essas lutas, os retrocessos e avanços das escolas do campo.

De uma forma significativa, esse relato contribui para a formação enquanto docente, pois, refleti que o professor não pode ser o centralizador, tem que se trabalhar conjuntamente com o aluno, permitindo que o mesmo exponha suas ideias, seus conhecimentos. E ainda, com pais e comunidade

geral. Mediando os conhecimentos, onde ajudará o aluno na organização de ideias e relacionando com o conhecimento científico, pois, a educação é permitir que o discente se torne cidadão crítico, autor de sua própria história. Ser educador do campo, é buscar compreender as vivências desses sujeitos, desde as histórias de lutas, a cultura, a identidade. É buscar ainda, participar desse contexto, lutando por transformações, como políticas públicas, de maneira que possam compreender seus direitos, de forma a interferir em busca por melhorias educacional e social.

Por fim, observa-se diante do exposto, que a carreira docente é desafiadora, desde os princípios educativos e sociais ao próprio regimento do sistema, como um todo. E que mais que repassar conteúdos, é estar buscando compreender e valorizando os saberes empíricos dos alunos. Desde a cultura ao modo de pensar desses sujeitos, e assim, poder relacionar as experiências de vida da comunidade, com o universo que os cerca. Contextualizando esses saberes, pois Educação do Campo é cultura, formação humana e acima de tudo, respeito às características desses povos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. A escola do campo e a pesquisa do campo: metas. In: MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do campo e pesquisa: questões para a reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006, p. 103-116.

ARROYO, M. G. **A escola e o movimento social**: revitalizando a escola. Revista de ANDE, São Paulo, n. 12, 1989.

BRASIL. Constituição Federal do Brasil de 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, DF, 2001.

BRASIL. PRONERA- Educação na reforma agrária. Disponível em: http://www.incra.gov.br/educacao_pronera. Acesso em: 24 Abril_2019.

Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+) - Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Brasília: MEC, 2002.

BRASIL. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências da natureza**. Brasília: MEC/SEF, 2001, 138p.

CALDART, R. S. Educação do Campo: notas para análise de percurso. In: **Trabalho, educação, saúde**. Rio de Janeiro, v. 07, n.1, p.35-64, março/junho, 2009.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FERNANDES, B. M. Diretrizes de uma caminhada. In: ARROYO, M.G.; CALDART, P.S.; MOLINA, M.C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. P. 133-145.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 20 ed. Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____; MOLINA, M. C. O campo da Educação do Campo. In: MOLINA, M. **Licenciaturas em Educação do Campo e o ensino de Ciências Naturais: desafios à promoção do trabalho docente interdisciplinar**. Brasília: MDA, 2014.

_____; SÁ, L. M. **Licenciaturas em Educação do Campo: registros e reflexões a partir das Experiências-Piloto**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 17. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da Autonomia.** Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 9. Ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dosCEFFAS.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

IBGE. Censo Demográfico 1940. Rio de Janeiro: IBGE/IBGE.

Censo Demográfico 1960. Rio de Janeiro: IBGE

_____. Censo Demográfico 2000. (CD-ROM). Rio de Janeiro: IBGE

LEITE, S.C. **Escola rural:** urbanização e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1999.

MEC/CNE/CEB. Resolução nº 7, de 14 de Dezembro de 2010. Fixa Diretrizes

Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.55

SOUTO, E.; VASCONCELOS, S. D. Conteúdo entomológico nos livros de Ciências: contribuições da avaliação oficial de materiais didáticos. **ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 8. Anais...** São Paulo, 2003.

